

“ELE OUVIA SEM OUVIR”: RELATOS SOBRE INTENCIONALIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Comunicação

*Ana Ester Correia Madeira
Universidade do Estado de Santa Catarina
ana_ecm6@hotmail.com*

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um projeto anual com crianças de 0 a 6 anos em um centro de ensino de educação infantil. A situação descrita envolve a exposição da vida de Beethoven, sua vida e sua composição, aplicada ao contexto da Educação Infantil, propondo vivências musicais de acordo com a idade. Associada à ideia do professor como pesquisador da própria prática e das intenções dele ao construir o seu planejamento, essa narrativa pedagógica demonstra a importância da reflexão sobre a prática como forma de se preparar para os próximos caminhos da educação musical escolar.

Palavras-chave: prática pedagógica; aula de música; planejamento.

Introdução

O caminho percorrido durante a graduação em Música-Licenciatura me proporcionou experiências docentes tanto por meio das disciplinas de estágio quanto por práticas que aconteceram em contextos escolares e não escolares. Tais momentos trouxeram reflexões a respeito do papel do professor em sala de aula, onde me deparei com diversos desafios no ensino de música, na experiência em sala de aula. Esse caminho resultou em meu trabalho de conclusão de curso onde tratei sobre a motivação para a aprendizagem nas aulas de música, um tema que me instigou e orientou minha pesquisa e atuação profissional até o final do curso.

Na graduação, realizei um estudo de caso com a intenção de identificar, na perspectiva de uma professora de música, os aspectos que motivaram os alunos a aprender com prazer (MADEIRA, 2012). Dentre os resultados, constatei que as estratégias

motivacionais utilizadas por ela envolviam seu planejamento e parceria com a professora regente. Pude então refletir acerca da atuação docente na aula de música como um fator influenciador na aprendizagem dos alunos, principalmente no que diz respeito à forma de lidar com as situações inusitadas que aconteciam durante o processo de ensino.

Este tema esteve presente também no caminho que percorri durante o mestrado. O resultado dessa caminhada foi uma investigação que teve como objetivo compreender, a partir da experiência de um professor de música com uma turma do ensino fundamental na escola pública, os aspectos que ele mesmo indicou ao analisar e refletir sobre sua prática, bem como as mudanças que surgiram em sua atuação nesse contexto. Os resultados indicaram dois aspectos destacados pelo docente: a visão dele sobre a própria prática e sobre a aula de música (MADEIRA, 2015). No primeiro, ele evidenciou sua formação acadêmica, principalmente as disciplinas práticas como regência e instrumentos (percussão e flauta doce) como partes essenciais na sua atuação escolar. O professor também enfatizou o seu olhar sobre os espaços onde a aula de música aconteceu, os quais buscou explorar ao máximo; e os materiais e recursos didáticos valorizando o uso frequente dos instrumentos musicais com os alunos. No segundo aspecto, o educador abordou sua análise através das cenas das aulas gravadas que ele próprio indicou, considerando posteriormente que o conteúdo desenvolvido de maneira gradativa foi essencial à compressão da criança, destacando o quanto a dificuldade em lidar com o comportamento da turma se constituiu como um desafio na sua prática pedagógica.

Essa experiência acadêmica me ajudou a desenvolver o hábito de reflexão durante minha prática como educadora musical. Após finalizar minha pesquisa de mestrado, ingressei na docência em período integral, atuando desde então na Educação Infantil. Tenho vivenciado inúmeros desafios que me levam a refletir e constantemente mudar minhas ações pedagógicas, porque as crianças me proporcionam experiências diferentes diariamente.

Diante disso, meu objetivo é compartilhar parte da minha experiência em sala de aula, ainda que remotamente, para discutir possíveis caminhos para desenvolver um trabalho relevante que não seja necessariamente a solução, mas que levante pontos de reflexão sobre o “novo normal”. Apoiei esse relato na concepção do professor como

pesquisador da própria prática, considerando meu contexto de atuação a Educação Infantil propondo alternativas para a atuação pedagógico-musical.

Processos Reflexivos

O professor pesquisador na aula de música

Os desafios são inerentes à prática pedagógica. Não é incomum ouvir sobre situações desafiantes que os professores vivenciam no cotidiano escolar. No tocante à aula de música não é diferente e, quando envolve a Educação Infantil, esses momentos parecem ser potencializados, porque envolvem o desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança. Assim, é necessário pensar em um planejamento que considere essas questões.

Antes de tudo, o educador musical precisa assumir algumas posturas diante da realidade onde está inserido. A primeira e fundamental é a de pesquisador da própria prática, pois ele tem uma visão privilegiada do contexto onde atua. Stenhouse (1998) entende como essencial essa postura quando se trata da investigação e desenvolvimento do currículo escolar, afirmando que, se os professores passarem a dominar este campo de pesquisa, sua imagem como profissional e as suas condições de trabalho irão melhorar.

Entendo que, neste caso, condições de trabalho não são somente os recursos ou o ambientes disponibilizados, mas como o educador musical lida com as crianças na Educação Infantil. São diferentes situações que envolvem comportamento, desenvolvimento cognitivo e motor, motivação para aprender, entre outras questões. Quando o professor tem o hábito de olhar para esses momentos com um olhar investigativo, a chance de alcançar os objetivos que pretende e potencializar sua prática poderá ser maior.

Essa postura reflete um profissional crítico e reflexivo que, segundo Schön (2000), sabe “ver a si próprio” (SCHÖN, 2000), que olha para a sua realidade profissional e consegue analisá-la como um todo, não apenas a partir de um aspecto. De acordo com Larrosa (1994), essa é uma forma privilegiada para que o educador possa conhecer, refletir e analisar sua prática.

No mesmo caminho, a prática da observação é essencial, inerente à atividade docente. Para Fink-Jensen (2013), pode ser pensada de duas formas: empiricamente,

com o processo simples da visão; e cientificamente, utilizando o conhecimento a respeito do que se está observando. Assim, dependendo do contexto, uma situação pode ser observada a partir do conhecimento sobre ela ou a partir do processo de experiência com tal realidade.

Intencionalidade no planejamento da aula de música

Uma ideia que tangencia o processo reflexivo de um professor sobre a sua prática é o planejamento e o conhecimento real sobre seu contexto de trabalho – visão privilegiada que ele possui. Responder a um desafio a partir do que já se conhece (a realidade) ajuda o profissional a desenvolver um plano de aula com mais intencionalidade nas atividades musicais com a sua turma, direcionando a sua atuação pedagógica a cumprir os objetivos que propôs no decorrer das situações que enfrenta diariamente.

Não se pode, no entanto, cair na falácia de transformar a educação musical como um meio para responder aos desafios. Conforme Madalozzo e Madalozzo (2013), mesmo sendo muitos os fatores que determinam o processo de planejamento das aulas de música na Educação Infantil o princípio é o fazer musical, porque a música tem um fim em si.

O que significa, então, ter intencionalidade no planejamento de uma aula de música? É pensar somente nos objetivos, é pensar somente nos conteúdos? Como um professor pode responder aos seus desafios tornando a prática musical prazerosa e eficiente para as crianças? Já que estamos falando de planos de aula, Libâneo (2013) afirma que ter como ponto de partida a prática em sala de aula dará ao educador uma visão mais robusta sobre quem são as crianças, para então preparar as condições e meios necessários para que elas assimilem ativamente conhecimentos e habilidades, desenvolvendo suas capacidades cognitivas, concordando com Stenhouse (1998) sobre a postura do professor pesquisador.

Quando o educador tem ciência dos seus desafios, saberá conduzir suas aulas de forma a responder intencionalmente a eles, não desvinculando o fazer musical das atividades que propõe. Não é possível, por exemplo, aplicar a mesma estrutura de aula de uma turma já alfabetizada para uma turma de Educação Infantil, uma fase cheia de movimentos intensos e situações onde a intervenção do professor é frequentemente necessária para mediar as relações das crianças.

Cabe ressaltar que, mesmo a música tendo um fim em si, seus elementos podem influenciar não só aspectos motores, como também emocionais. Madalozzo e Madalozzo (2013), ao apresentar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, menciona alguns deles como danças, exercícios de movimento, relaxamento, prática instrumental, entre outros. Algumas noções básicas de ritmo, por exemplo, podem ensinar uma criança que existem momentos de pausa e de som, conduzindo-a a uma atitude cada vez mais consciente de atenção e paciência, sempre reportando essa experiência ao universo lúdico da infância e ao cotidiano escolar.

Processos Metodológicos

Meu objetivo nesse projeto é identificar as intencionalidades que apresentei na preparação de uma aula de música para crianças da Educação Infantil, compartilhando sobre possibilidades de práticas pedagógicas e estratégias para o momento atual. Sugestões viáveis para o desenvolvimento desse projeto tangenciam uma abordagem narrativa e fenomenológica por apresentar aspectos significativos em seu escopo, próprios para abordar esse relato.

Encontro em Creswell (2014), fundamentos para discussão dessa metodologia. Para ele, um estudo com abordagem fenomenológica descreve os significados que indivíduos conferem às suas experiências. Identifica-se o fenômeno a ser estudado, adquirindo informações das pessoas que o vivenciaram, descrevendo-o a partir da “essência da experiência para todos os indivíduos” (p. 72). O autor aponta as principais perspectivas que fundamentam a fenomenologia das quais me aproprio para este projeto. Uma delas está em entender a existência da “intencionalidade da consciência”, pois a realidade de uma situação ou a mudança dela está relacionada à consciência que uma pessoa tem a respeito dela. Outra questão é compreender que “a realidade de um objeto só é percebida dentro do significado de um indivíduo” (p. 73), pois o professor é o principal responsável por dar sentido à sua prática pedagógica através da intencionalidade do seu planejamento.

Em concordância, é possível pensar em uma aproximação da abordagem fenomenológica com as narrativas (auto)biográficas, muito explorada por Louro (2013) em

sua trajetória acadêmica. Josso (2004) defende que esse tipo de prática dentro de uma caminhada pedagógica é essencial para o processo de formação inicial e contínua do professor, como uma forma de integrar o saber e o fazer. Os princípios se complementam e reafirmam o propósito da fenomenologia: estudar as experiências das pessoas em sua essência. Entendo que tudo o que acontece durante uma aula é um fenômeno com potencial investigativo que, no presente relato, é representado pela aula de música que será descrita, unidas às reflexões e ao meu planejamento. Concordo com Bueno (2003, p. 89) quando afirma que “pensar a prática pedagógica dessa forma é ajudar a criar uma realidade nova, provida de significação”.

Literatura e aula de música

O espaço é um centro de educação infantil na região Sul do Brasil, que recebe cerca de noventa crianças de zero a seis anos. São seis turmas que abrangem essa faixa etária, todas com professoras pedagogas titulares com suas respectivas auxiliares de ensino. Nesse ambiente escolar, os alunos têm semanalmente três momentos chamados de “aulas extras” (algumas turmas mais de uma vez na semana): as aulas de música, de educação física de inglês. As aulas de música, foco desse relato, tem o espaço de 45 minutos em todas as turmas. É envolvida por bastante vivência e, como tem a presença das auxiliares, todos os alunos são assistidos e estimulados constantemente.

Esse relato envolverá um projeto pensado para o ano de 2020, o qual não deixou de acontecer, apenas se adaptou à situação atual. A direção pedagógica da creche lançou o “Projeto Literatura Infantil” onde cada professor tem autonomia de adaptá-lo de acordo com a sua especialidade e, no meu caso, direcionei para histórias musicalizadas e ainda histórias de compositores que marcaram gerações, como Beethoven e Mozart. Vou descrever aqui uma aula presencial preparada para trabalhar as composições e a experiência de Beethoven enquanto compositor, além de uma aula gravada em razão da pandemia com o objetivo de trabalhar percepção sonora e rítmica com as crianças.

Ludwig Van Beethoven na sala de aula

Estou em uma turma com crianças entre quatro e cinco anos de idade. Em um primeiro momento, falar sobre Beethoven causou estranhamento: “será ele o cachorro do filme famoso que eu assisti com a mamãe?”. Passo a passo, contei a história dele, usando recursos como um desenho animado sobre ele e vários grupos musicais interpretando suas composições. Busquei focar no que mais o destacou: o fato de mesmo surdo, marcar gerações com suas composições. Aos poucos fui explicando para eles como Beethoven costumava sentir o som para poder saber quais notas musicais estavam sendo tocadas, e a expressão de surpresa e encantamento foi quase que geral na turma.

Muitos se sensibilizaram pelo que lhe aconteceu, impressionados sobre o fato de “ele ouvir sem ouvir”. Nesse momento aproveitei para trabalhar com eles a percepção do som pela vibração e começamos a explorar objetos onde fosse possível sentir ao invés de ouvir. Tentamos sentir a vibração dos sons em materiais como madeira, metal, um caminho pronto para mostrar pra eles o que finalizou meu planejamento: o diapasão. Com o uso do *ukulele* eu mostrava para as crianças a vibração sonora através de instrumentos de madeira, tanto o interesse como a participação foi evidente.

Mas as aulas presenciais pararam e, nem de longe, eu havia finalizado meus objetivos. Observei que eles amaram a história de Beethoven, como eu poderia explorar isso cada vez mais em um “novo normal”? Preparei então uma aula gravada: longe da interação com eles, mas à espera do retorno dos pais. Nesse pequeno momento de 10 minutos eu propus escutarmos juntos a 5ª Sinfonia e, em seguida, acompanhá-la com algum instrumento que pudéssemos ter em casa ou ainda algum objeto que se transformasse em instrumento: eu peguei um pequeno pote com baquetas e construí o meu tambor, propondo algo simples e de fácil acesso às crianças.

Ao som do primeiro minuto da 5ª Sinfonia tocamos nosso tambor. Eu cá e eles lá. A sensação? Diferenciada! Busco até mesmo imaginá-los ali, junto comigo. Talvez nem todos tivessem tocado, mas com certeza a experiência com os sons produzidos a partir de uma composição nova no universo deles. Aula gravada e enviada aos pais. Mal esperava uma resposta tão positiva: as crianças respondem com facilidade à aula de música e isso destacou

ainda mais a vontade de retornar às aulas presenciais. Os vídeos podem até nos aproximar, mas eles não substituem a sala de aula, a escola. Socialização, interação, produções sonoras em conjunto, olho no olho, oferecem o que a tecnologia não consegue providenciar, embora ela ofereça o suporte que precisamos nesse momento.

Intencionalidade a partir de reflexões pedagógicas

Relembrar cada momento dessas duas experiências me remete às leituras que fiz sobre a importância de o professor ser pesquisador e efetivamente refletir sobre a própria prática (STENHOUSE, 1998). Esse olhar privilegiado me proporcionou perceber como construir o meu planejamento a partir da resposta das crianças. O fato de vermos a necessidade de focar no conteúdo que estamos ministrando, muitas vezes desvia de um foco importante: a socialização entre as crianças e o ensino da música como um fim em si.

Penna (2012) fala dos valores intrínsecos do ensino de música e o quanto ela é significativa no desenvolvimento dos indivíduos. A educação musical na escola é um caminho para a humanização, Soares, Cerveira e Mello (2019) afirmam que ela é um meio para “facilitar” o entendimento de determinados conceitos. A partir desse entendimento, construí meu planejamento tanto síncrono como assíncrono, com a intenção de trabalhar esses conceitos musicais através da experiência direta com as composições de Beethoven. Concordo então com Libâneo (2013) sobre ter como ponto de partida a prática em sala de aula e preparar as estratégias para que as crianças adquiram conhecimentos e habilidades, desenvolvendo suas capacidades cognitivas.

Considerações finais

Um relato de experiência num momento como esse pode gerar estranhamento, porque esse é um momento de reflexão necessária sobre como entendemos a educação musical na escola e como iremos retomar quando voltarmos para a sala de aula. Não basta voltar ao que era antes, é essencial projetar e se preparar para o que vem a seguir, pensando não somente em questões de saúde, mas em como democratizar o ensino de

música em uma realidade onde cada vez menos existe apoio e investimento.

Enquanto uma área ainda em construção (e esperamos que esse processo não termine) é importante continuar a olhar para a formação do professor de música como o melhor momento de expor experiências e discuti-las para que ao estar na sua prática pedagógica, o profissional possa resgatar seus conhecimentos e, acima de tudo, saber extrair do seu contexto os melhores direcionamentos para o seu planejamento.

O discurso desse relato destacou muito mais os pontos positivos, mas isso não diminui a experiência, apenas revela que, embora as soluções possam ser frágeis, elas são necessárias como falou Antônio Nóvoa em uma de suas últimas falas em uma palestra online. E tirar o melhor que podemos nesse momento é também produzir material que nos prepare para o que virá focando numa educação musical mais humanizadora e democrática para as crianças que chegam até nós.

Referências

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual a relação. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. *Ser professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, p. 11-20, 2007.

BUENO, Enilda R. A. Prática pedagógica e fenomenologia. In: PEIXOTO, Andão José. *Interações entre fenomenologia & educação*. Campinas, SP: Editora Alínea, p. 87-92, 2003.

CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

FINK-JENSEN, Kirsten. Astonishing practices: a teaching strategy in music teacher education. In: GEORGI-HEMMING, Eva; BURNARD, Pamela; HOLGERSEN, Sven-Erik. *Professional knowledge in music teacher education*. Hampshire, England: Ashgate, p. 139-155, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 35-86, 1994.

LOURO, Ana L. M. Improvisando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre “narrativas de si” na pesquisa em educação musical. *Educere et Educare – Revista de Educação*, Cascavel, v. 8, n. 16, p. 479-497, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MADALOZZO, Vivian Agnolo; MADALOZZO, Tiago. Planejamento na musicalização infantil. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (Orgs.). *Música e educação infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MADEIRA, Ana Ester Correia. “*Todo professor é um herói*”: o professor e a motivação na aula de música. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Curso de Música, Florianópolis, 2012.

MADEIRA, Ana Ester Correia. *Professor pesquisador: análise, reflexão e mudança na aula de música*. Dissertação (mestrado) – do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Música, Florianópolis, 2015.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, Olavo Pereira; CERVEIRA, Rosimeire Bragança; MELLO, Suely Amaral. *Educação musical na escola: valorizar o humano em cada um de nós*. Caderno Cedes, v. 39, n. 107, p. 125-138, 2019.

STENHOUSE, Lawrence. *Investigación y desarrollo del curriculum*. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 1998.